



UMA HISTÓRIA DO LITORAL PERNAMBUCANO E O PORTO DOS CAMINHOS SINUOSOS

Marcos Miliano Araujo de Almeida¹

RESUMO

Este artigo relata características históricas da região do Porto de Suape em Pernambuco, suas informações fazem parte de pesquisa bibliográfica em importantes acervos de obras raras e pesquisa de campo junto à comunidade de Tatuoca. Em algumas ilhas da Baía de Suape e na Ilha de Tatuoca em Ipojuca – PE foram encontrados resquícios arqueológicos, que apontam para a sua participação na imigração europeia no século XVI, vem contribuir para a caracterização das ocupações pré-colonial e pré-histórica e ratificam as informações de conflitos entre nativos e colonizadores, assim como mostram que o nativo sofre o processo civilizador, modificando sua vida a mais tempo do que imaginávamos. Essa região entre o Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca configura-se desde sempre pela importância histórica para o Brasil, e doravante, sem dúvida assim permanece pelas transformações que ocorrem no mesmo porto, vindo tornar mais uma vez, a região em foco mundial para as navegações.

Palavras-chave: Suape, Tatuoca, Resquícios Arqueológicos, Colonização.

ABSTRACT

This paper reports historical features of *Baía de Suape*, the information is part of literature in important collections of rare books and field research in the *Tatuoca's* community. Archaeological remains were found on Tatuoca Island in Ipojuca - PE, pointing to participation in European immigration in the sixteenth century, and contribute to the characterization of pre-colonial and prehistoric occupation, corroborate the information about conflicts between natives and settlers. This region configures itself ever since the historic importance for Brazil, and now, no doubt remains so through the changes that occur in the same port, coming once again become the focus region in the world's navigations.

Keywords: Suape, Tatuoca, Archaeological Remains, Colonization.

INTRODUÇÃO

“O sistema foi feito para cuidar de problemas generalizados”

(Max Cady – Filme Cabo do Medo)

¹ MILIANO, M.A.A - Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural de Pernambuco
marcos.miliano@gmail.com

Este artigo é baseado nas características históricas da região do Porto de Suape, suas informações fazem parte da pesquisa bibliográfica e etnográfica que originou a monografia ainda não publicada - *Ilha de Tatuoca: Aspectos da Influência de Suape sobre a Vida e Paisagem*; Trabalho, de cunho Socio-antropológico, que investigou como a modificação da rotina de vida, pelo processo de desenvolvimento promovido por Suapeⁱ são representadasⁱⁱ pelos nativos da comunidade da Ilha de Tatuoca.

Estivemos nessa ilha, que pertence ao município de Ipojuca – PE, distante 52 km do Recife, na convivência com seus moradores em seus sítios, permanecendo em quinzenas alternadas, “acampados” nas proximidades de uma das residências, entre os meses de setembro de 2009 e março de 2010.

Em nossas visitas à comunidade, encontramos resquícios arqueológicos, e pudemos constatar que a ilha, palco da chegada de europeus de várias nações no século XVI, de conflitos entre nativos e colonizadores, área tradicional da chegada e saída de riquezas, como o açúcar e o pau-brasil, já sofre com o processo civilizador, modificando a comunidade e suas vidas a mais tempo do que imaginávamos.

Esse achado, de fragmentos de utensílios com diferentes características, denota ocupações na área em épocas distintas. Informamos às instituições competentesⁱⁱⁱ para procederem a uma investigação mais aprofundada e a salvaguarda do acervo. Tendo em vista que uma intervenção arqueológica mais profunda, não se encontrava no rol dos nossos saberes, nem em nossos objetivos iniciais da pesquisa, procedemos com investigações suficientes apenas para registrar de modo oficial os dados que localizam a Ilha de Tatuoca num período histórico sobre sua ocupação.

É conhecido que no entorno do Complexo de Suape, um padrão se constrói para o acompanhamento dessas modificações sofridas pelas comunidades, em meio a diferentes condições os projetos sociais são implantados, e a especificidade de cada caso exige do poder público, respostas e estratégias mais adequadas a cada contexto.

Os moradores da Ilha de Tatuoca, até o início da construção do Complexo de Suape, sofriam pouquíssima influência da sociedade envolvente, totalmente integrados e dependentes da natureza para sua sobrevivência, regravam a partir desse isolamento o sistema de sobrevivência e suas relações sociais. A energia elétrica só faz parte de suas vidas a menos de quatro anos, viviam praticamente sem informação e ainda hoje não há circulação de jornais ou outros periódicos na comunidade. Atualmente as notícias chegam pela televisão e rádios locais, mas a telefonia celular é amplamente utilizada, pela proximidade com as antenas instaladas para atender a demanda da região portuária, oferece facilidade de utilização.

No que tange a natureza da economia, são pequenos produtores, possuem tecnologia simples aplicada à construção de suas casas e embarcações, cultivo e utilização de homeopática dos remédios, apresentam relativa dependência da sociedade do entorno, hoje ampliada para uma dependência moderada do mercado externo.

OS CAMINHOS SINUOSOS E TATUOCA

A pesquisa histórica sobre a Região da Baía de Suape situa Tatuoca nos períodos anteriores a sua última ocupação^{iv}, que corresponde, segundo relatos, a aproximadamente 130 anos, e torna-se uma necessidade tanto para os moradores, sujeitos à expulsão de suas terras por Suape, quanto para fundamentarmos nossos trabalhos e dar uma resposta à sociedade. Mostraremos como o entorno da Baía de Suape aparece na história do litoral pernambucano após 1500, e ratificamos nossas hipóteses com os resquícios arqueológicos encontrados em suas ilhas.

Tal achado contribui para a relevância da pesquisa, e para a caracterização das ocupações pré-colonial e pré-histórica evidenciadas pela variedade de períodos históricos a que pertencem os utensílios. Essa região no limite entre o Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca configura-se desde sempre pela importância histórica para o Brasil, e doravante, sem dúvida assim permanece pelas transformações que ocorrem no mesmo porto, vindo tornar mais uma vez, a região em foco mundial para as navegações.

A Ilha de Tatuoca está localizada ao sul do Cabo de Santo Agostinho^v, no litoral de Ipojuca-PE, na Baía de Suape, possui áreas de mata atlântica muito bem preservadas, áreas com vegetação baixa, certamente provenientes de antigas clareiras abertas pela larga extração de madeira que houve na região no início do período colonial, salinas e extensos manguezais, é banhada pelos rios Tatuoca e Massangana além de dois grandes canais – gamboas que se unem durante grandes marés formando uma outra ilha, dentro da própria ilha. Tem uma área aproximada de 750 hectares, é planície em sua maior extensão, mas existem atualmente três elevações, das quatro originais^{vi}, tendo a mais alta em torno de 23m acima do nível do mar.

O *Cabo de Santa Maria da Consolação*, primeira denominação dada por Pinzon, ou *Cabo Famoso*^{vii} como assim vem designado no celebre Mapa de Turim, de 1523, teve enfim, a denominação de Santo Agostinho, imposta oficialmente por Portugal a 28 de agosto de 1519, pelo comandante da frota portuguesa de reconhecimento das terras do Brasil, Fernão de

Magalhães, por dobrá-lo naquele dia, que o calendário designa como o daquele santo. Foi o primeiro ponto avistado em terras brasileiras pelos descobridores.

Outro mapa^{viii} ainda mais antigo, descoberto por Alexander Von Humboldt^{ix}, na livraria do Barão Walchenaer^x, tem por título “*Karte Von Amerika aus den Jahre 1500*”, de cujo original possui a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, uma cópia^{xi} autêntica. Neste mapa do cosmógrafo e navegante espanhol Jean de La Cosa (ou Juan De La Cosa), está traçada a representação da América, na qual se acha o Brasil, ocorre esta legenda: “*Este cabo se descobrio en anno de mil y IIIIXCIX par Castilla, syendo descubridor Vincentians (Vicente Añes Pinzon)*”; e em outra legenda na mesma carta se declara que foi feita no Porto de Santa Maria, no ano de 1500”.

A Baía de Suape sempre foi considerada por possuir um dos melhores portos do Brasil, se a delimitarmos como um polígono: teremos o promontório do Cabo de Santo Agostinho, de encosta rochosa, em um lado; na adjacência direita, o paredão de arrecifes, separado do promontório pela entrada maior da baía; Em oposição aos arrecifes, encontraremos a praia de Tatuoca e o “Pontal de Nazaré” separados pelo Rio Massangana; Fechando o quadrilátero e em oposição ao promontório, encontramos uma ilhota, chamada pelos nativos de “Ilha do Francês”, ou pela antiga denominação dada pelos neerlandeses, “Ilha Walcheren”. Sobre essa passagem temos em os *Anais Pernambucanos*, na data de 28 de fevereiro de 1500:

... e à proporção que avançava o navio, se manifesta esplendida aos olhos dos ousados navegantes, perplexos do mais indizível contentamento. Tinham em frente um promontório elevado, que deixava ver em seus flancos terras imensas, que se perdiam de vista. Vicente Yanez Pinzon dirige os seus navios para a terra que acabava de descobrir, e depois do conveniente reconhecimento ao longo da costa, ancora em um porto abrigado e de fácil entrada a pequenas embarcações em 16 pés de fundo, segundo as indicações da sonda. Esse por acaso é a enseada de Suape, situada na encosta sul do Cabo de Santo Agostinho. (COSTA, 1951:30)

Existem duas entradas para o porto, a maior foi utilizada pelo espanhol, pois a segunda passagem no arrecife oferecia risco à embarcação^{xii}, assim o melhor lugar para desembarcar, por ordem de aparecimento logo após a entrada da barra seria o Pontal de Nazaré, que se encontra na foz do Rio Massangana, onde mais tarde se fixou povoado, e em seguida a praia de Tatuoca. Mário Mello descreve na *Síntese Cronológica de Pernambuco*, o Pontal de Nazaré, como um banco de areia formado pela foz do que hoje é o Rio Massangana; O lugar descrito, entre o Pontal e a Ilhota, é a praia de *Ticirana*, chamada “prainha” na Ilha de Tatuoca:



Esse lugar é denominado pelos portugueses o Pontal, e não fica tão distante como o da cidade de Olinda. É ahi que carregam e descarregam as mercadorias, [...]. Em frente há uma ilha na distancia de um tiro de mosquete do Pontal. É entre esse banco de areia e essa ilha que carregam os navios. (MELLO, 1929:21)

A Baía de Suape serviu para escoar o pau-brasil^{xiii} e o açúcar da região, assim como para receber europeus de várias nações, escravos de África e mercadorias a serem distribuídas por todos os engenhos, num raio de 20 km. Todas aquelas terras, foram palco de batalhas entre portugueses e neerlandeses e de colonizadores contra gentios, às margens dos mesmos rios estiveram os primeiros engenhos e sesmarias do país. O Brasil, maior produtor de açúcar nos séculos XVI e XVII, com os engenhos de Pernambuco, mais especificamente os da região do Cabo de Santo Agostinho, os mais antigos^{xiv} do Nordeste e mais próximos dos portos configurava Suape como ponto de destaque e referência no período da cana-de-açúcar.

Os índios Tupis que ocupavam todo o litoral pernambucano muito antes da chegada dos europeus, ocupavam também a Ilha de Tatuoca, no entanto a ocupação por brancos na região se dá após a primeira metade do século XVI^{xv}, as excelentes condições geográficas e naturais permitiram a exploração e reconhecimento da ilha, está circundada por vários canais navegáveis, por onde se penetrava ao interior da capitania e por onde se escoava o açúcar, assim como se fazia o desembarque de escravos e se explorava o pau-brasil. Sendo esta grande movimentação geradora de enormes lucros, foram implantadas nas primeiras áreas descobertas, pelo reino de Portugal, políticas de colonização e povoamento, também para a região da Baía de Suape.

“A parte mais frequentada pelos franceses e bretões, esta situada entre o Cabo de Santo Agostinho e o Porto Real, que se acha a doze graus. É também nesta parte da costa que se encontra o melhor pau-brasil, e em maior quantidade”. - Narrativa em relatório de viagem, no ano de 1520, por João Parmentier, comandante de frota francesa – (COSTA, 1951:101).

Os dois rios^{xvi} que banham a ilha de Tatuoca, eram utilizados pelos engenhos para o transporte de produção, mercadorias de consumo e pessoas, assim como para escoar a *ibirapitanga*. Esse ponto entre a foz de dois rios importantes, o Ipojuca e o Massangana, no século XVI era ponto de chegada dos navegadores do velho mundo, e através dessa dinâmica econômica configura-se para a possibilidade de autonomia de ocupação, dotada de características socioculturais próprias, na hibridização de culturas herdada pelos nativos dessa região.

Seguindo a cultura medieval ainda trazida pelos colonizadores, os núcleos de ocupação eram fundados em geral em terrenos elevados, na busca de uma visualização e proteção favorecidas, os neerlandeses valorizaram a posição estratégica oferecida pelo Cabo

de Santo Agostinho, mais que os portugueses; Quando da invasão, construíram três fortes e mais de seis redutos para guardar a Baía, além de reaparelhar a Bateria (ainda hoje parcialmente preservada^{xvii}) que guardava a entrada do porto, com um quartel no alto do promontório para alojar a guarda que não estava “de serviço” (as ruínas desse quartel podem ser visitadas ainda hoje). Segundo Barléu (1940:156), dos 7000 militares neerlandeses que vieram à Pernambuco, pelo menos 7% fez parte da guarnição destinada ao Cabo de Santo Agostinho. Assim, a valorização dada pelos neerlandeses não se refere á atual cidade do Cabo de Santo Agostinho, que se encontra numa planície, mas sim ao próprio acidente geográfico e por associação ao ancoradouro da enseada. No caso do povoado que originou a Cidade do Cabo de Santo Agostinho, quando do restabelecimento do domínio português, após a capitulação dos neerlandeses, desenvolveu-se na planície onde existiam os engenhos de Pais (Paes) Barreto, com núcleo no Engenho Velho, a sede do Morgado do Cabo. Nazaré é uma vila no alto do promontório e na sua origem foi um dos primeiros núcleos de povoamento de Pernambuco, surgido ao largo da fortaleza de Nazaré, não mais existente.

Para a retomada da enseada e suas fortalezas, os portugueses travaram inúmeras batalhas, numa delas, segundo o historiador Mário Mello, em *Síntese Cronológica de Pernambuco*, 1500 portugueses fizeram cerco àquelas fortificações tomadas pelos “invasores” e encontrando resistência, sem obter logro, abandonaram suas posições. As duas batalhas foram nos anos de 1635 e 1646.

Sobre a ocupação no entorno da Baía de Suape, nos conta Mello citando os armazéns de açúcar deste ponto de comércio^{xviii}:

... Tendo passado e chegado até o Pontal, sem nem terem tempo de incendiarem os armazéns de assucar, onde havia cerca de 2000 caixas, e fugiram sem ousar esperar pelos hollandezes. [...]singrou direto às barcas e às caravelas que apresara em numero de 15, tanto grandes como pequenas, nas quaes encontrou 1300 caixas de assucar e alguns milhares de tóros de páo brasil. [...] Quando lá chegou, encontrou um grande navio e duas barcas carregadas com 600 caixas de assucar prontas a sair da barra; (1929:22).

É por essa narrativa, pelas cartas geográficas e iconografia analisadas^{xix}, que traçamos o perfil para a movimentação no Pontal de Nazaré na primeira metade de 1600: constatamos uma estrutura digna de entreposto comercial, uma vila com mais de trinta construções^{xx} e um barracão, bem guarnecidos pelos fortes e redutos do entorno, uma vida social muito ativa, composta pelos 240 soldados^{xxi} que prestavam serviço nas unidades militares do entorno, além dos visitantes que aportavam constantemente em numerosas naus, ainda a movimentação oriunda da Vila de Nazaré e dos nativos e engenhos da região; Sendo assim um ponto de apoio à exploração de terras e guarda do ancoradouro, é normal que um embrião

de um mercado se formasse, contudo o Pontal de Nazaré não se configurava como uma feitoria, ao nosso ver, apenas pela proximidade com a Feitoria de Itamaracá.

Evidentemente náufragos e desertores, aqueles ameaçados por castigos e também por causa das necessidades do corpo, atraídos pelas indígenas e pelo ambiente paradisíaco como um todo, contribuíram para o desenvolvimento populacional do litoral brasileiro. De modo semelhante ao que ocorreu com os tripulantes do HMS Bounty^{xxii}. O Brasil tornou-se espaço de considerável interação, principalmente pela presença das tropas militares, nas localidades paradisíacas como a Ilha de Tatuoca. Houve um relativo número de flamengos, a partir de 1633 quando tomaram o Cabo de Santo Agostinho, que por amor ao solo permaneceu no Nordeste mesmo após a rendição e expulsão pela força nacional recém constituída. Freyre nos conta:

Foi essa várzea, na paisagem social brasileira, a primeira a povoar-se não de casas grandes esporádicas e sós, mas de um verdadeiro conjunto delas, ligadas pela água do rio e pelo sangue de colonos, através dos casamentos que se extremiam depois – aqui, como no Cabo de Santo Agostinho, na várzea do Ipojuca... (Freyre, 2004. p.62)

Dentre todos os contribuintes para a colonização de lugares ermos e isolados, como ilhas e comunidades de nativos dos mais diversos cantos do mundo, os atos de deserção de navios e de guarnições militares são aparecimentos comuns ao longo da história mundial, no Cabo de Santo Agostinho um relato pode ser elucidativo para a contribuição por esse tipo de colonização: “No pôrto do denominado Cabo de Santo Agostinho fundeiam os navios e se demoraram cinco dias, atraídos os navegantes pela afabilidade que encontram nos indígenas...” (BARLÉU, 1940:121)

Segundo a narrativa do historiador Israel Felipe, em História do Cabo:

Antes da chegada dos colonizadores, já existia nesta região uma numerosa população indígena: Os Caetés. Seu nome vem de CAA-ETÊ, que significa mata virgem. O confronto entre índios e brancos foi agressivo e sangrento. O donatário da capitania de Pernambuco, Duarte Coelho, que ocupou inicialmente as terras de Olinda, enfrentou os índios que ali habitavam e através da força dominou (...) 12 mil índios caetés que havia em Igarauçu. Com a opressão os índios fugiram par o Sul, indo refugiar-se nas matas circunvizinhas ao Cabo de Santo Agostinho, onde formaram aldeamentos. (1962. P.10-11)

As duas léguas de terra ao sul do Cabo de Santo Agostinho foram ocupadas por Tristão de Mendonça^{xxiii}, a mando do primeiro donatário de Pernambuco, Duarte Coelho (1535-1554), para o desenvolvimento da Cana de Açúcar, do algodão e das salinas (COSTA, 1951:326/603), as duas grandes salinas que se encontram ao lado do Pontal de Nazaré e as de Tatuoca são, sem dúvida, essa referência.

Ao longo de nossos estudos, e em conversas durante as caminhadas com os moradores mais antigos da ilha, identificamos os vestígios arqueológicos em duas elevações de Tatuoca: telhas; fragmentos de uma fina porcelana branca decorada com desenhos de azul cobalto e pedaços de vasilhas em argila com paredes em várias espessuras, alisadas e também sem refinamento, decoradas em baixo relevo e não decoradas, com e sem pigmentação; pedaços de cachimbo; assim como peças líticas em forma de ponta de lança. Ainda encontramos vestígios de edificações em alvenaria^{xxiv}, e relatos de moradores que contam da existência de um cemitério de escravos, com localização ainda não comprovada.

Todos os vestígios foram encontrados na superfície, confiamos que levantamentos mais detalhados e interventivos realizar-se-ão pelas instituições competentes, e assim poderemos explicar melhor as ocupações anteriores na região. Todavia havemos de lembrar que são conhecidos na área do complexo de Suape vários sítios arqueológicos de relevância comprovada, reforçando assim o potencial arqueológico que mencionamos.

Da descoberta dos vestígios, procedemos à coleta dos pontos georeferenciados e registramos fotograficamente algumas peças visando criar uma base de dados que venha orientar possíveis intervenções arqueológicas especializadas; Finalmente comunicamos aos órgãos competentes, em atenção às Normas e Gerenciamento do Patrimônio Arqueológico, solicitamos a interferência do Núcleo de Pesquisas (NUPESQ) do Deptº de Letras e Ciências Humanas da UFRPE, com o fim de assegurar a proteção e valorização desse patrimônio cultural, buscando assumir nossas responsabilidades profissionais, mas acima de tudo sociais.

É importante ressaltar que não encontramos dados históricos específicos e oficiais sobre a Ilha de Tatuoca. Fizemos a interpretação historiográfica de fontes escritas, inclusive obras raras de importantes acervos^{xxv} sobre a ocupação da região entre o Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca para podermos tocar a história da Baía de Suape, seu porto e as ilhas; Tanto os documentos, como as cartas e os resquícios arqueológicos nos dão parâmetros para compreender como se deu sua ocupação, mas só num estudo mais profundo, poderíamos determinar as raízes mais antigas da comunidade.

Após consultar os arqueólogos da Universidade Federal Rural de Pernambuco, e de posse das imagens dos achados, pudemos perceber que alguns fragmentos aparentavam características históricas e outros, pré-históricas. Sugerimos a análise vestigial mais profunda com a comparação a estudos já concluídos, e que o trabalho a ser realizado se processe com uma equipe composta de antropólogos, sociólogos, além dos arqueólogos, em campo e gabinete.

Sobre os acontecimentos que circundam a Ilha de Tatuoca, entre colonizadores e gentios, Felipe nos lembra:

No mesmo ano de 1560, em que regressou de Portugal, Duarte e seu irmão Jorge de Albuquerque, depois de reunir um conselho de homens mais importantes da capitania, resolveram expulsar os Caetés daquelas paragens, (...). Foi organizada uma expedição de envergadura, cuja luta durou cinco anos, (...). A campanha iniciou-se nas cercanias do Cabo de Santo Agostinho e terminou às margens do São Francisco. Para a realização desse empreendimento foram convocados mais de dois mil homens brancos. (...) afora considerável reforço de índios da “Mata do Pau Brasil”, (...), presumivelmente uns dois mil, aliados do donatário e inimigos dos Caetés. (1962. p.30/31)

O número de guerreiros Caetés era menor, por causa do primeiro embate ocorrido, onde foram vitoriosos, mas com muitas baixas, entretanto resistiu bem à batalha, enquanto mulheres, velhos e crianças da tribo emigravam forçosamente para o interior. A ilha de Tatuoca, ao lado do Cabo de Santo Agostinho, presenciou muitas lutas e em seus mangues e planícies certamente descansaram floretes, arcabuzes, lanças e flechas. Em 1571 foi dada como encerrada a luta contra os Caetés com o aparente extermínio dessa tribo ou banimento da região.

O sítio onde encontramos os vestígios arqueológicos situa-se nas seguintes coordenadas e entre elas: Morro de Damião (8°22'47"S / 34°59'12"O - UTM -8.37992° -34.9867° - Alt. 23m) e Morro da Tapera (8°22'39"S / 34°59'6"O - UTM -8.37754° -34.985° - Alt. 21m), é sítio do tipo céu aberto numa área agora sem atividade agrícola, mas que foi roça de mandioca, o que provocou remoção do terreno, certamente misturando camadas de períodos diferentes. Numa composição híbrida de argila e areia, tem uma vista privilegiada da ilha e do litoral.

As elevações eram posicionamentos preferidos pelos colonizadores para construir seus prédios por se tratar de referência paisagística e por proporcionar uma vista privilegiada do entorno. No entanto nas planícies, existe um potencial para a ocorrência de vestígios do período pré-colonial ou pré-histórico, terrenos mais próximos da água e preferidos pelos indígenas. A comunidade, na última ocupação, desenvolveu-se entre o sopé desses morros e o Rio Tatuoca, estendendo-se à “prainha”, até a chegada do Estaleiro Atlântico Sul que dividiu a comunidade em duas partes, estima-se que mais vinte famílias estivessem no lugar hoje ocupado pelo estaleiro. É interessante observarmos que três topônimos na comunidade fazem referência aos colonizadores, denominações essas utilizadas pelos moradores sem saber do porquê; São a elevação “Morro do Flamengo”, a ilha vizinha “do Francês” e a Praia de Ticirana^{xxvi}.



A inferência das obras iniciadas na ilha, a ação dos moradores próximos aos sítios, que por ignorância, acentuada pela falta de uma política pública que investigue e preserve estes locais, acabaram danificando e comprometendo o que é fonte de informação histórica e cultural. Tal patrimônio é de grande valor, evidenciado por constituir testemunho das primeiras ocupações estrangeiras.

Além das definições inseridas na Constituição Federal sobre a proteção e a valorização do Patrimônio Cultural existem as leis federais que ajudam a gerir: 1 - Lei Federal 3924/61, que trata dos bens arqueológicos, o Decreto 25/37, que trata do tombamento, a Lei 3551/00, sobre a cultura imaterial e as Portarias do IPHAN, como a 230/02 e a 07/88, direcionadas para a regulamentação dos estudos a serem implementados, de modo a garantir a preservação dos bens culturais representativos para a sociedade brasileira.

Antes da última ocupação, tem-se notícia sobre Tatuoca, através do historiador José Antônio Gonsalves de Mello^{xxvii}, que fez uma anotação, como era seu costume, em um de seus livros, hoje parte do acervo da Biblioteca do Instituto Ricardo Brennand, o *Diccionario Chorographico, Historico e Estatistico de Pernambuco*, a terceira edição, ano de 1927, no volume de S a Z, página 158, no verbete Tatuoca, que se refere ao rio, sobre um inventário onde consta a Ilha. “*Havia uma ilha desta denominação que fazia parte em 1866 do Engenho do Meio em Ipojuca: inventário de D. Joanna Maria de Deus, viúva do Senador José Carlos Mairink.”

José Carlos Mayrink da Silva Ferrão, nascido em Vila Rica em 1771, hoje Ouro Preto e morreu em 1846. Nomeado por carta imperial de 25 de abril de 1824, para ser presidente da Província de Pernambuco, de 25 de maio de 1825 a 14 de abril de 1826, quando viajou até a corte imperial (Rio de Janeiro) a fim de assumir o cargo então vitalício de senador do Império do Brasil, de 1826 a 1846. Reassumiu o cargo de presidente da província, de 30 de janeiro de 1827 a 29 de dezembro de 1828. Foi cavaleiro da Imperial Ordem de Cristo. A Sra. Joana Maria de Deus Gomes, sua esposa, era mulher muito abastada, nasceu no Recife no ano de 1776 e morreu também aqui em 1866. Tiveram como filha Maria Carolina de Seixas Ferrão de Mello, nascida em Minas Gerais, Ouro Preto em 1818, falecendo em Santos em 1904.

A história recente, contada pelos nativos mais antigos, reza que Tatuoca foi comprada em leilão público no Mercado de São José no Recife, no final do século dezenove, pelo patriarca da família José Magalhães da Fonseca, que teria sido o último dono, e logo após os acertos no cartório, se foi com a família, cuidar das propriedades na Bahia, deixando um feitor responsável pela propriedade.



O que marca o **direito à terra** para os moradores da Ilha é o contrato (verbal) de alienação que dividia a ilha em dois tipos de domínio: o domínio eminente, ou direto do “dono”, e o domínio útil, ou indireto, dos moradores^{xxviii}. Segundo relatos, os moradores pagavam o foro^{xxix}, uma espécie de aluguel sobre o imóvel, prática do período colonial conhecida por toda a ilha, até o final da década de 1970 - em forma de serviços, todas as segundas feiras o trabalho tinha a produção dedicada ao proprietário. Poderiam ser trabalhos de benfeitoria ou, entre outros, o de limpeza e coleta nos coqueirais, colhia-se de 3000 a 5000 cocos por mês. Quando os pais, que sempre pagavam essa “pensão” já não tinham forças, pelas limitações da idade, o filho mais velho o substituía, até que constituísse sua própria família, passando para o segundo filho mais velho, pois o outro pagaria foro pelo uso de sua família.

Se tal acordo verbal tem valia para a Justiça, é um arrendamento por prazo indeterminado dos sítios, mediante a obrigação, do morador, chefe da família de pagar o foro, certo e invariável, ao feitor que morava na Ilha, determina o domínio útil e pleno, tratando-se, portanto de direito real - alienável e transmissível a herdeiros - de posse, uso, gozo e disposição sobre os sítios. Os direitos dos nativos são, portanto, bem amplo, mais do que os do usufrutuário, e impede que qualquer mudança nesses parâmetros fosse tomada sem uma consulta prévia àqueles moradores. Deixou-se de cobrar o foro dos moradores, e esses deixaram de pagar, porque não tinham a quem pagar, visto que a ilha ficou em suas mãos, depois da saída do último administrador, Sr. José Borges, hoje morador de Ipojuca, já bastante idoso, foi um dos entrevistados em nossa pesquisa.

REFERÊNCIAS

BARLÉU, Gaspar van. **História Dos Feitos Recentemente Praticados Durante Oito Anos No Brasil:** E Noutras Partes Sob O Governo Do Ilustríssimo João Maurício. Amstelodami: Typographeio Ioannis Blaeu, 1647. Reedição traduzida por Cláudio Brandão, Rio de Janeiro, Serviço Gráfico do Ministério da Educação, 1940.

HOUGH, Richard. **Captain Bligh & Mr. Christian:** the Men and the Mutiny. Annapolis: Naval Institute Press, 2000.

CABO. Prefeitura Municipal do Cabo, Secretaria de Educação, Deptº de Estudos Sociais. **Formação Histórica e Geográfica do Cabo:** Cabo, 1988.

COMMELYN, Isaak. **História das Conquistas Holandesas no Brasil.** São Paulo: Typographia Brazil de Rothschild & Cia, 1908.



COSTA, Francisco Augusto Pereira da. **Anais Pernambucanos**. Recife: Arquivo Público Estadual, 1951.

DUSSEN, Adriaen van der, MELLO, José Antônio Gonsalves de. **Relatório Sobre As Capitânicas Conquistadas No Brasil Pelos Holandeses (1639): Suas Condições Econômicas E Sociais**. Rio de Janeiro, 1947.

FELIPE, Israel. **História do Cabo**. Recife: Arquivo Público, 1962.

FREYRE, Gilberto. **Manifesto Regionalista**. In: Quintas, Fátima (org.), Manifesto Regionalista. (7a. ed.). Recife: Editora Massangana, 1996. p. 51-79.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste**: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil. 7. ed. rev. São Paulo: Global, 2004.

GALVÃO, Sebastião de Vasconcellos. **Dicionário Chorográfico, histórico e Estatístico de Pernambuco**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1921.

GRANOVETTER, Mark. S. **The Strength of Weak Ties**. American Journal of Sociology, Vol. 78, Nº6, 1973, pp.1360-1380. 21p. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2776392>>. Acesso em: 20/03/2010

MILIANO, M. **Ilha de Tatuoca**: Aspectos da Influência de Suape sobre a Vida e Paisagem. Monografia não publicada. Universidade Federal Rural de Pernambuco. 2010.

MELLO, Mário. **Síntese cronológica de Pernambuco**. Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano. Recife: IAGP, 1929.

SILVA, Leonardo Dantas. **A Pesquisa Histórica em Pernambuco**. Recife: Fundaj, Editora Masangana, 1995.

SPINK, M.J.P. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, Set. 1993. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1993000300017&lng=en&nrm=iso>. acesso em 13/09/2010.

ⁱ Complexo Industrial Portuário de Suape, situado a 40 km do Recife, entre os municípios do Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca, ocupando uma área de 135 mil hectares. O projeto data de 1968, sendo inspiração da SUDENE – Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – no intuito de dotar Pernambuco de indústrias de base – Suape em língua Tupi significa “Caminhos Sinuosos”.

ⁱⁱ "Representações" são constituintes das formas de conhecimento prático, orientadas para a compreensão do mundo e para a comunicação numa perspectiva, pela qual emergem como elaborações (construções de caráter expressivo) de sujeitos sociais a respeito de objetos socialmente valorizados. (SPINK, 1993)

ⁱⁱⁱ IPHAN e UFRPE.

^{iv} Quando nos referimos à última ocupação da ilha, queremos situar temporalmente a ilha quando foi do último dono, Sr. José Magalhães da Fonseca e herdeiros (aproximadamente entre 1880 e 1978), pois ao tomar posse, já encontrou moradores em comunidade, instalados na ilha. Na iconografia “Cape S Augustine” de 1647, autoria de Frans Post consta pescadores em atividade na Ilha de Tatuoca, vide legenda “I – *Brasilians Piscatores*” – o artista estaria posicionado na ilha de Tatuoca para compor sua ilustração do Cabo de Santo Agostinho.



^v Normalmente, quando falamos em Cabo de Santo Agostinho, estamos nos referindo ao acidente geográfico e o promontório, quando nos referirmos ao município faremos menção com essa nomenclatura.

^{vi} A elevação mais próxima do mar, com aproximadamente 200m de diâmetro e mais de 20m de altura foi desbastada em mais de 80% do seu volume, para gerar material de aterro para a área onde se encontra o Estaleiro Atlântico Sul. Não consta salvamento arqueológico para essa intervenção, mas os moradores contam que encontraram “*xícaras e pires inteirinhos, quando as máquinas cavavam*”.

^{vii} Cabo Feroso no Mapa de Turim vem a ser uma corruptela de *Rostro Hermoso*, nome dado por Diogo de Lepe, navegante espanhol que um mês depois da saída de Pinzon, do Porto de Palos, partiu do mesmo ancoradouro e com idêntica finalidade, uma expedição composta de duas caravelas, sob o seu comando. Este lançou ferro nas águas do Rio Grande do Norte e, posteriormente, na Ponta do Rostro Hermoso em março de 1500 onde encontrou a cruz fincada por Pinzon. (COSTA, 1951:325)

^{viii} Todos os mapas e imagens mencionados nesse artigo, podem ser visualizadas no website: <http://www.4shared.com/dir/OPDs_eep/historic_-_miliano.html>

^{ix} Friedrich Heinrich Alexander, o barão de Humboldt (Berlim, 14 de setembro de 1769 — Berlim, 6 de maio de 1859), mais conhecido como *Alexander von Humboldt*, foi um geógrafo, naturalista e explorador alemão, em expedição pela América do Sul, foi impedido de permanecer no Brasil, pois os portugueses consideraram-no um possível espião alemão. (No site da Fundação Alexander von Humboldt em <<http://www.avh.de/web/home.html> acessado em 25/04/2010>).

^x Supomos uma relação entre o sobrenome do Barão Walchenaer e Walcheren, nome da ilha entre os arrecifes da Baía de Suape e Tatuoca, como consta do mapa datado de 1644, e com a ilha de nome semelhante; Walcheren (lat 51° 30' N long 3° 30", na província holandesa de Zeeland, no estuário do Rio Schelde – site: <<http://www.zeeland.nl/>> acessado em 22/04/2010).

^{xi} Na internet é possível visualizar uma cópia no endereço: <<https://oa.doria.fi/handle/10024/32625> > - acessado em 27/04/2010.

^{xii} Esta abertura, menor, permitia em maré alta que uma embarcação de tamanho médio passasse; Anos mais tarde, foi utilizada pelo comandante Gisseling, numa manobra ousada, esquivando-se da bateria que guardava a entrada maior, para tomar a baía e as fortificações que a guardavam; (COMMELYN, 1908:23) Mais recentemente foi explodida e alargada pelo Projeto de Suape, para ser a nova entrada do Porto. <<http://www.portosdobrasil.gov.br/noticias-portuarias/>>.

^{xiii} Pau-Brasil – *Coes-alpina echinata* (antigamente) - *Caesalpinia echinata* (*echinata* significa "com espinhos"), em tupi é **ibirapitanga**, ou "madeira vermelha" – “brasil” faz também referência à brasa.

^{xiv} João Paes Barreto, fidalgo português, proveniente de Vianna do Castello, filho do morgado de Bilheiras, funda o primeiro engenho da região, o Engenho Velho, situado em uma légua de terra, da margem do rio Arassuagipe nos brejos próximos ao Cabo de Santo Agostinho — Destaca-se dentre todos os colonizadores das terras do Cabo, veio para Pernambuco em 1557, ainda bem jovem, em 28 de outubro de 1580 instituiu João Paes Barreto um morgado, conhecido depois por Morgado dos Paes ou Morgado do Cabo. (GALVÃO, 1921)

^{xv} Na carta - Afbbeeldinge vande Cabo St. Augustin Met haer fortten, de autoria de I. Commelyn & J. Jansso - Amsterdam – do ano de 1653, ao fundo, do lado esquerdo superior, as quatro elevações em Tatuoca, observa-se a referência à habitação e caminhos bem demarcados, exatamente na segunda elevação onde encontramos fragmentos de utensílios. Tatuoca insere-se nas duas léguas dadas a Tristão de Mendonça, por Duarte Coelho, donatário até 1554. (COSTA, 1951:603)

^{xvi} O rio **Massangana** serve de limite entre os municípios de Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca. No primeiro situa-se a Barragem do Bita e, no segundo, a Barragem do Utinga, mananciais integrantes do sistema de abastecimento hídrico do Complexo Industrial Portuário de Suape. O rio Massangana deságua ao sul do promontório de Santo Agostinho onde encontra o Tatuoca, na baía de Suape – sofrendo tanto ele como o Tatuoca grande influência da maré. O rio **Tatuoca** nasce a 6 km da foz, constituindo, em quase toda a sua extensão, parte de uma complexa rede de canais e estuário afogados, apresentando mais de 300m de largura em alguns trechos. O rio **Ipojuca** tem sua nascente no município de Arcoverde, inflete para sudeste, mantendo-se nessa direção até a desembocadura ao sul do Porto de Suape (o curso foi modificado). (Hidrografia - Publicações CPRH / MMA - PNMA II 1ª EDIÇÃO – Disponível no Site <www.cprh.pe.gov.br/downloads/13_Hidrografia.pdf> acessado em 10/03/2010.

^{xvii} Esta fortificação é nomeada **erroneamente** pelo município do Cabo de Santo Agostinho, de “Castelo do Mar” - segundo o que consta nas páginas 111 e 112 do *Relatório sobre as capitânicas conquistadas no Brasil pelos holandeses* publicado em 1639, escrito por Adriaen van der Dussen, com tradução de José Antonio Gonsalves de Mello, neto, o *Castelo do Mar* ficava no porto do Recife, defronte ao *Castelo de Terra*, protegendo a entrada da barra. Também Gaspar Barléu nas páginas 60 e 168 do livro **História Dos Feitos Recentemente Praticados Durante Oito Anos No Brasil...**, publicado em 1647, afirma o mesmo, e continua na página 170, onde descreve todas as características desta construção, nomeando-a apenas como *Bateria de Mármore*.





^{xviii} Refere-se ao armazém localizado no Pontal, onde no mapa (Figura VII) é nomeado como “magazyn”.

^{xix} Disponível para visualização e download :< http://www.4shared.com/dir/OPDs_eep/historic_-_miliano.html

>.

^{xx} Para esta época, uma aglomeração muito considerável.

^{xxi} Barléu (1940:156) cita ainda 75 soldados a mais para a guarnição de Ipojuca que fazia parte do conjunto militar na região.

^{xxii} A mais famosa história sobre desertores aconteceu em 1789 com o navio inglês, HMS Bounty, narrado no livro de Richard Hough, também duas vezes transformada em filme: “**The Bounty**”, ou em português: “*O Grande Motim*” produzido em 1935 e 1962. A história conta que o capitão William Bligh, empreendeu uma viagem ao Taiti para conseguir víveres para o comércio; Seus subordinados envolveram-se com as nativas da ilha e amotinaram-se, tomando o navio para permanecerem com as mulheres na ilha; Entre os desertores estava o imediato e melhor amigo do capitão, Fletcher Christian, que com seus companheiros de motim e as nativas fundou o que hoje consta como o país menos populoso do mundo, nas Ilhas Pitcairn, na Polinésia Francesa. Vide < <http://www.government.pn/Pitcairnshistory.htm>, acessado em 02/03/2010 >.

^{xxiii} Também possível fundador do Engenho Massangana, lugar querido de Joaquim Nabuco. (GASPAR, Lúcia. *Engenho Massangana*. Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br>>. Acesso em 15/03/2010).

^{xxiv} Desde o início da última ocupação da ilha, as casas em sua totalidade são construídas em taipa.

^{xxv} Gostaríamos de registrar nossos agradecimentos às bibliotecárias da Fundação Joaquim Nabuco e do Instituto Ricardo Brennand, pelo acesso ao importante acervo de obras raras, sem o qual não poderíamos estabelecer os parâmetros para a feitura da pesquisa histórica. É de valor incomensurável o apoio que estas profissionais prestam à sociedade através das instituições.

^{xxvi} Palavra encontrada no vocabulário Sérvio e Croata, que têm raízes no alemão arcaico, é um nome próprio.

^{xxvii} A esse historiador, bacharel em direito e referência mundial em história dos holandeses no Brasil, queremos agradecer, na pessoa de sua filha Diva Mello, pela contribuição, através de suas anotações, para nossa pesquisa. Diva Mello está fazendo um maravilhoso e importantíssimo trabalho de tradução e transcrição das notas feitas por seu pai, encontradas na grande quantidade de livros de sua biblioteca, hoje sob a tutela da Biblioteca do Int. Ricardo Brennand.

^{xxviii} Essa prática é característica de um enfiteutico - A enfiteuse deriva diretamente do arrendamento por prazo longo ou perpétuo de terras públicas a particulares, mediante a obrigação, por parte do adquirente, de manter em bom estado o imóvel e efetuar o pagamento de uma pensão ou foro, certo e invariável, em numerário ou espécie, ao senhorio direto (proprietário). Este, através de um ato jurídico, *inter vivos* ou de última vontade, atribui ao enfiteuta, em caráter perpétuo, o domínio útil e o pleno gozo do bem. (BEVILAQUA, Clóvis. **Direito das coisas**. v. 1. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1941, p. 317-318).

^{xxix} Prática introduzida no Brasil pelos colonizadores era comum nas relações feudais. Configura-se como mais uma herança que caracteriza a hibridação da cultura dos nativos de Tatuoca.

Título do Artigo: UMA HISTÓRIA DO LITORAL PERNAMBUCANO E O PORTO DOS CAMINHOS SINUOSOS

Nome do autor: Marcos Miliano Araujo de Almeida (MILIANO, M).

Bacharel em Ciências Sociais com ênfase em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco

Área: Sociologia / História

Subárea: Socioantropologia / História Social

Recife, 05 de Agosto de 2010.

